

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS



# CONIMBRIGA



VOLUME XXXVII – 1998

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

outras regiões da Península e que outras entidades devem realizar ou dar continuidade a congressos e eventos semelhantes que permitam divulgar, trocar e aprofundar ideias.

Considerando que não se esgotam aqui os possíveis itinerários para a análise da história da Bética, ficamos a aguardar com expectativa as próximas jornadas para obtermos respostas às questões deixadas em aberto e os novos rumos das investigações em curso.

O livro reflecte uma actividade dinâmica que veicula preciosas informações, às quais deve ser dada a devida importância.

MARGARIDA I. NUNES

HERNÁNDEZ GUERRA, Liborio - *Inscripciones Romanas en la provincia de Palencia*, Secretariado de Publicaciones, Universidad de Valladolid, 1994. 219 p. 72 láms., 24 cm (Historia y Sociedad, 39).

Foi intenção do autor publicar um *corpus* de inscrições romanas da província de Palência, partindo de um primeiro *corpus* já existente de L. Sagredo e S. Crespo (*Epigrafia Romana de la Provincia de Palencia*, Palência, 1978), completado e actualizado com novos dados epigráficos cuja publicação está dispersa pelas mais variadas revistas e, ainda, com alguns dados inéditos.

O mérito deste trabalho reside, portanto, em fornecer-nos toda a documentação epigráfica da província de Palência, reunida numa só obra.

O esquema adoptado pelo autor apresenta a seguinte ordem: catálogo das epígrafes, bibliografia geral, índices epigráficos, lista de concordâncias e fotos. Seria de esperar encontrar aqui os mapas e quadros, segundo a ordem que o próprio autor refere na introdução ou, então, imediatamente a seguir ao catálogo. Ora, esses mapas e quadros aparecem-nos nas páginas 12 e 13, talvez devido a um engano de montagem, pois não faz sentido que estejam a meio da introdução. Já agora, preferíamos ver o catálogo das inscrições seguido dos índices epigráficos e da lista de concordâncias, relegando a bibliografia geral para a parte final.

As inscrições, numeradas de 1 a 193, só arrumadas segundo a divisão em votivas, funerárias, monumentais, tábuas de hospitalidade, miliários, monumentos anepígrafos, inscrições de gente relacionada com a província de Palência, marcas de materiais de construção, grafitos e marcas cerâmicas.

Os textos de índole funerária foram subdivididos consoante apresentam ou não consagração aos deuses Manes e, dentro destas subdivisões, por ordem alfabética do *nomen* e, se este não existe, do *cognomen*. Será que não seria mais útil optar por um critério de ordenação geográfica, que daria, desde logo, a indicação de quantas inscrições

são provenientes de uma determinada zona, até porque esta informação só é parcialmente fornecida pelo mapa e pelo quadro das páginas 12-13? Por exemplo, sabemos, através do mapa, que em Palência-cidade existem 49 epígrafes; através do quadro, sabemos que essas epígrafes se dividem em votivas, funerárias e monumentais; mas não ficamos a saber quantas pertencem a cada tipo; e, se as quisermos identificar no catálogo, teremos que as procurar uma por uma entre um total de 193. Toma-se, assim, moroso agrupar as epígrafes da mesma proveniência. Ainda a propósito do quadro de distribuição das epígrafes por tipos, este parece-nos pouco útil, uma vez que não apresenta a quantidade de inscrições que correspondem a cada tipo.

A nível gráfico, as páginas apresentam-se talvez demasiado cheias, o que é compreensível numa época em que o factor económico tudo condiciona, mas, tratando-se de uma obra fundamentalmente de consulta, é importante que consigamos visualizar de imediato as coisas. Ora, estes aspectos seriam, decerto, melhorados se se tivesse jogado mais com os tamanhos de letra ou com a escrita a negro, sem ocupar necessariamente mais espaço.

As fotografias apresentam, de um modo geral, alguma falta de contraste. Na maior parte dos casos, isso dever-se-á ao mau estado das epígrafes ou sua difícil localização, que impede a escolha do melhor ângulo; contudo, no caso das fotos das inscrições nºs 10, 19, 24 e 45, entre outras, bastaria a utilização de um fundo neutro, por exemplo um pano branco ou preto que tapasse o ambiente envolvente: isso já permitiria realçar mais o texto da inscrição.

De cada inscrição é apresentado um pequeno estudo que comporta a descrição do monumento: lugar de achado, paradeiro, conservação, tipo de decoração, medidas, etc.; a transcrição, desdobramento e tradução do texto; o comentário e, por fim, a bibliografia.

E pena que, na apresentação que se faz de cada inscrição, não se dê a informação da existência ou inexistência de fotografia ilustrativa, pois isso pouparia o trabalho de andar à procura da fotografia, quando, em muitos casos, ela não existe.

Em relação às dimensões do monumento, expressas em metros e não em centímetros, como usual, o autor não utiliza um critério uniforme, ou seja, tanto apresenta as dimensões quer do monumento quer do campo epigráfico, como apresenta somente as dimensões do monumento omitindo as do campo epigráfico (inscrições nºs 16, 31, 46, 51, 56), ou simplesmente não apresenta quaisquer dimensões, e nem sempre esta ausência de dados está relacionada com o desconhecimento do paradeiro das epígrafes. Por exemplo, nas inscrições nºs 18 e 49, o autor conhece o paradeiro, inclui fotos e, no entanto, omite as dimensões quer do monumento em si, quer do campo epigráfico. Isto levanta a dúvida: estas inscrições terão sido revistas? Então porque é que não se actualizaram! todos os dados?

Há também falta de uniformidade naquilo que podemos designar por comentário paleográfico, que, na maior parte dos casos, vem colocado antes da trans-

crição, desdobramento e tradução do texto, mas, por exemplo nas inscrições nos 55, 59 e 62, está colocado depois, em conjunto com o comentário histórico.

Estes aspectos que atrás evidenciei são todos de carácter metodológico e têm uma importância relativa, mas o certo é que não facilitam a utilização de uma obra que se quer (repete-se) fundamentalmente de consulta.

No comentário do texto da inscrição, Libório Hernández trata quase exclusivamente de aspectos onomásticos; contudo, na maior parte dos casos, nem sequer é levantada a problemática do modo de identificação das pessoas referidas nos textos, com as implicações que isso poderá ter, por exemplo, ao nível da datação das inscrições ou da determinação do estatuto social. Raramente o autor se aventura a estabelecer hipóteses ou a tirar conclusões a partir da forma como as pessoas se identificam. Fá-lo, por exemplo, na inscrição nº 62, onde considera *Iulia Chrysis* uma escrava, suponho que devido ao cognome de origem grega e omissão da filiação, uma vez que não explicita os motivos que o levaram a considerá-la uma escrava. Os escravos identificam-se normalmente com um único nome (que, sendo de origem oriental, é quase determinante para comprovar o estatuto servil) e, quando adquirem a liberdade, adoptam, em muitos casos, o gentílico da família a que pertenciam, passando a usar o seu antigo nome como cognome. *Iulia Chrysis* será, pois, uma liberta - antiga escrava - de uma família *Iulia*.

Ainda relativamente à onomástica, tal como saber o significado de um nome interessar-nos-ia conhecer qual a sua frequência e distribuição na Península Ibérica, um dado que o autor nem sempre fornece. Por exemplo, na inscrição nº 17, refere, a propósito do nome *Aunia*, que este aparece testemunhado na Germânia, não reparando que, na própria epigrafia de Palência, há outro exemplo deste nome precisamente na inscrição anterior (nº 16), onde, aliás, se repete o comentário feito para a inscrição nº 17. O mesmo acontece nas inscrições nos 28 e 103, a propósito do nome *Proculus*: o autor deveria ter remetido de uma inscrição para a outra, tal como fez na nº 50, acerca do nome *Ianuarius*.

É nítido que se procurou fazer uma apresentação breve dos vários aspectos do monumento epigráfico. Contudo, essa preocupação de síntese foi levada longe de mais. E digo “longe de mais”, porque, sendo os comentários tão sintéticos, nem sempre tratam todos os aspectos fundamentais do monumento epigráfico e, assim, este trabalho não dispensa, como seria de esperar, a consulta dos artigos onde as inscrições foram publicados. Exemplo disso é a já referida inscrição nº 50, anteriormente estudada pelo próprio autor (*Hispania Antiqua*, XVIII, 1994, 433-439). Nesse primeiro estudo apresenta-se uma maior riqueza de dados e levantam-se hipóteses, nomeadamente a propósito do eventual antropónimo *Evanthesellius*(?), que aparece como dedicante de uma inscrição funerária, num ambiente estritamente familiar, sendo ele certamente um elemento exterior à família entendida em sentido restrito. Ora, estes dados, fundamentais a meu ver - até porque *Evanthesellius* não é uma reconstituição absolutamente segura e,

aqui, é tomada como certa -, são omitidos, sem se apontar a existência de um estudo mais aprofundado da inscrição.

A propósito da inscrição n° 23, gravada num peso de tear cujo paradeiro se desconhece, o autor diz tratar-se de uma inscrição funerária. Só que, a julgar pela tradução do texto (“Capilia, escrava de Rodano, fez”), este nada tem de funerário, embora haja sido encontrado em contexto funerário. Contudo, esta inscrição coloca problemas de leitura que não foram equacionados. Assim, já a Hübner (EE VIII255) parece um pouco forçado desdobrar *Roda S* em *Roda(ni) S(erva)*, abreviaturas pouco comuns: “possunt etiam alia excogitari, si modo constat de lectione”. O desenho apresentado por Hübner - as letras CAPI estão gravadas no topo, cada uma em seu quadrante, e LIA junto a uma aresta lateral - não justifica peremptoriamente a leitura CAPILIA; de qualquer modo, se considerássemos *Capilia* um gentilício (eventualidade que o autor sugere - p. 40), uma interpretação *Capilia Roda s(ibi) fecit* não seria de todo inviável, já que se documenta em Roma uma liberta *Cauponia Roda* (CIL VI7047). Depois, será que a peça foi enterada com o corpo? Terá sido feita com essa função? Há paralelos para este curioso e assaz eloquente meio de identificar o defunto sem que o texto apresente fórmulas funerárias? Na verdade, segundo o autor afirma, “E frequente encontrar este tipo de peça em enterramentos de mulheres, como indício do seu ofício” (p. 40). Pena que não tenha comprovado esta afirmação com esses exemplos ou simplesmente remetido para um estudo eventualmente existente, o que permitiria ter elementos de comparação, nomeadamente na Península Ibérica.

Na inscrição n° 94, o nome *Maropo* não é reconstituído com segurança e, tal como feita a tradução, o pronome *suo*, presente no texto, não tem qualquer sentido. Não estaremos perante um texto regravado? Atendendo a que se trata de uma epígrafe que põe, de facto, problemas de onomástica (cf. Maria de Lourdes Albertos, *Emerita* XL 1972 9 e 299-300), teria sido importante uma análise atenta e profunda.

Um último aspecto diz respeito à tipologia dos monumentos: caso se comprovasse que - como se afirma - o monumento n° 49 era urna cupa, tal facto revestir-se-ia do maior interesse histórico, porquanto cupas com a inscrição no topo (como a foto sugere) são típicas do *ager Olisiponensis*. Sucede, porém, que não se trata de uma cupa: a ficha do Museu Arqueológico Nacional, de Madrid, onde a peça se encontra (n° 16513) atribui-lhe a classificação genérica de “cippus” (palavra que, como se sabe, era vulgar até há uma década atrás sem um significado tipológico preciso); trata-se, porém, muito provavelmente (atendendo às dimensões: 30 x 29 x 39), da parte superior duma esteia de topo arredondado. O monumento n° 62, identificado como uma cupa, está associado a onomástica de origem grega, num contexto onde predominam as esteias, merecia, por isso, algumas considerações.

É certo que Libório Hernández - expressamente o declara - pretendeu apenas publicar um *corpus* de inscrições da província de Palência, sem se deter no imenso

manancial histórico-epigráfico aqui reunido, tarefa que terá reservado para uma outra oportunidade. Alguns dos aspectos que foquei, e outros, contribuirão para o esclarecimento da história romana de Palência.

Nesse aspecto cumpre saudar a obra como livro de consulta fundamental. Dispondo de índices pormenorizados e bem organizados (a que apenas faltará um índice geográfico) vem facilitar o trabalho a epigrafistas e historiadores.

FERNANDA REPAS

Juan Manuel ABASCAL PALAZÓN, *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*. (Antigüedad y Cristianismo, II), Murcia, 1994, 554 pp., ISBN 84-7684-517-0.

Os estudos onomásticos estão a assumir um papel cada vez mais relevante no âmbito da pesquisa em História Antiga.

Na verdade, gravado habitualmente na perenidade do mármore, o nome revela a imagem que se pretendeu transmitir e denuncia estatuto social, origem étnica ou, simplesmente, a moda.

Por isso, desde que, em meados do século passado, a Epigrafia ganhou foros de ciência imprescindível para melhor se conhecer a Antiguidade Clássica, o rol dos antropónimos atestados nas epígrafes, quer numa região determinada do mundo romano quer em todo o Império, passou a ser instrumento de trabalho indispensável. E, por isso, os *corpora* de inscrições nunca estariam completos se não tivessem índices onomásticos cuidadosamente elaborados.

Iiro Kajanto analisou os cognomes latinos, numa obra (*The Latin Cognomina*, Helsínquia, 1965, Roma, 1982) que, ainda hoje, é de referência obrigatória. Heikki Solin proporcionou-nos, após longo trabalho de pesquisa, um elenco exaustivo dos nomes gregos registados na epigrafia de Roma (*Die Griechischen Personennamen In Rom - Ein Namenbuch*, Walter de Gruyter, Berlim, 1982), que constitui necessário elemento de comparação nesse domínio. Antes dele, procurara Wilhelm Schulze (*Zur Geschichte Lateinischer Eigennamen*, Berlim, 1966) traçar uma panorâmica da onomástica latina, baseada, porém, em pressupostos da época que se inclinavam para ver em todos os radicais ‘ressonâncias’ etruscas. Para actualizar esses trabalhos (e já com o recurso, que vai ser cada vez mais oportuno, da informática), Solin e Salomies deram a lume o *Repertorium Nominum Gentilium et Cognominum Latinorum* (Nova Iorque, 1988) - vide *Conimbriga* 30 1991 172-174. Por outro lado, o fecundo manancial